

## **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E JUVENTUDES: debatendo experiências**

Francisco André Silva Martins<sup>15</sup>

Lucas Eustáquio de Paiva Silva<sup>16</sup>

Herbert Câmara Nick<sup>17</sup>

Júlia Carla Silva<sup>18</sup>

Maria Luiza Alves Martins<sup>19</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho se consolida em formato de um relato de experiência das atividades empreendidas por um grupo de pesquisa e extensão, que está vinculado à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Tal grupo tem por nome “Observatório das Juventudes” e tem como foco de suas pesquisas, ações, atividades e projetos, a investigação de questões que afetem as juventudes inseridas na realidade social contemporânea. O presente trabalho parte de um debate sobre os sujeitos jovens e suas pluralidades e especificidades, perpassando as questões referentes à extensão universitária como importante ação no campo de atuação das universidades e de sua aproximação com a sociedade e culmina no relato e análise de ações desenvolvidas durante os últimos anos em suas potencialidades e obstáculos.

**Palavras-chave:** Juventudes; Extensão Universitária; Experiências Formativas.

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O presente trabalho tem como foco a socialização de experiências e desenvolvimento de ações de extensão universitária levadas à cabo por um grupo de pesquisa que tem sua atuação pautada na investigação de questões e estejam relacionadas às juventudes na sociedade contemporânea e que afetem diretamente as condições de se viver essa condição juvenil, de acordo com a pluralidade dos sujeitos, seus problemas, percalços e trajetórias. O

---

<sup>15</sup> Professor efetivo da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Educação e Formação Humana da UEMG. Doutor em Educação pela FaE-UFMG (2016). Coordenador do Observatório das Juventudes FaE-UEMG. Coordenador do projeto de extensão “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes. Bolsista PAEX edital 01/2023. E-mail: francisco.martins@uemg.br.

<sup>16</sup> Professor Faculdade FAMART. Doutor em Educação pela FaE-UFMG (2016). Pesquisador voluntário do Observatório das Juventudes FaE-UEMG.

<sup>17</sup> Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UEMG. Membro do Observatório das Juventudes FaE-UEMG. Atua como voluntário no projeto de extensão “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes.

<sup>18</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UEMG. Membro do Observatório das Juventudes FaE-UEMG. Atua como bolsista do edital PAEX 01/2023 no projeto de extensão “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes.

<sup>19</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UEMG. Membro do Observatório das Juventudes FaE-UEMG. Atua como voluntária no projeto de extensão “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes.

grupo em questão é o Observatório das Juventudes da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (OJ-FaE-UEMG). O surgimento desse grupo na FaE-UEMG tem relação direta com posse e chegada de novos/as professores/as na universidade a partir do ano de 2018, efetivados por meio de concurso público. A Faculdade de Educação se tornou lugar de encontro de colegas que já possuíam aproximações em sua trajetória acadêmica, pesquisadores/as que tinham sua trajetória de formação marcada por uma contundente atuação no Observatório da Juventude da Faculdade de Educação da UFMG em suas pesquisas de doutorado e mestrado, bem como pesquisas e projetos, o que serviu como fator de grande influência para a caminhada. Diante disso, a formação de um outro OJ se apresentou como possibilidade de ampliação dos campos de luta e militância pelas questões da juventude, tornamo-nos grupos irmãos desde então.

Assim, no mês de outubro de 2020, em plena pandemia de COVID 19, com todos/as em afastamento, nascia o OJ-FaE-UEMG. Com mais inseguranças que certezas, dada a conjuntura de sua efetivação. Todavia, partíamos de uma convicção que nos servia de força motriz, pois entendíamos que atuação de tal grupo em um curso de Pedagogia estava alicerçada na importância que aqueles/as estudantes que se formam para atuar na Educação, ou em áreas correlatas, pudessem conhecer e reconhecer as Juventudes em sua diversidade, apesar de essa ainda não ser uma regra na maioria dos cursos de Pedagogia e Licenciatura. Desde sua fundação, o OJ-FaE-UEMG tem se mantido ativamente atuante não apenas na universidade, mas em diálogo com a sociedade que nos cerca, rompendo amarras e afastamentos e com o foco na aproximação entre a realidade dura e as reflexões teóricas. O OJ-FaE-UEMG é um grupo de pesquisa devidamente vinculado e cadastrado ao CNPQ<sup>20</sup>, e que em relação à ANPED (Associação Nacional de Pesquisadores de Educação), tem sua atuação vinculada ao GT – 03 “Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos”.

Diante desse cenário, o grupo tem desenvolvido discussões, reflexões, ações e projetos de extensão que, pelas suas especificidades, nos parece ser pertinente socializar com outros/as colegas, outras universidades, outros/as educadores/as, com as escolas de educação básica, públicas ou privadas, com o fito de colocar as questões das juventudes no centro do debate público e sensibilizar outras pessoas para se engajarem conosco em nossas lutas. Apesar do que pode ser considerado como um período curto de atuação e fundação, o OJ-FaE-UEMG já desenvolveu vários projetos de extensão e que colheram frutos que

---

<sup>20</sup> [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1226652922184844](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1226652922184844)

consideramos importantes, projetos que se debruçaram sobre as questões das juventudes Negras e LGBTQIA+ na escola, projetos que focaram suas ações nas experiências de elevação de escolaridade, bem como projetos que serviram de mote para uma maior aproximação entre as juventudes e a universidade, promovendo a rodas de debate sobre o que afetava esses sujeitos.

Em decorrência desses projetos, foram publicados vários artigos, livros, coletâneas, bem como várias foram as participações dos bolsistas e voluntários em eventos nacionais e internacionais com apresentação de comunicações e pôsteres. Mais que uma questão de ordem prática, pensamos tais ações de uma perspectiva formativa plural, dialógica, de formação dos professores/as, dos estudantes, de todos/as os envolvidos. Outrossim, almejamos com esse trabalho elementos para melhor entendermos os/as jovens como sujeitos sociais de direitos, partiremos para uma discussão sobre a extensão universitária com o foco nas juventudes e suas singularidades e finalizaremos com a socialização e debate de ações desenvolvidas por nós nesses últimos anos, sem qualquer caráter prescritivo e sim em busca de contribuições para nosso aprimoramento.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 JUVENTUDE, JUVENTUDES: quem é essa galera?**

O debate sobre a Juventude, apesar de, nos dias atuais, poder ser considerado como consolidado no meio universitário e de pesquisas de cunho acadêmico, nos parece ainda carente de uma melhor compreensão de suas especificidades, principalmente se tratando das imagens socialmente construídas em relação aos sujeitos e a sua vivência dessa etapa da vida. As imagens negativas sobre a juventude se sobrepõem a toda e qualquer outra possibilidade e isso reverbera diretamente no modo como tais sujeitos são entendidos, via de regra, como estando em um período exclusivamente de transição, que não dura, uma passagem rápida de preparação para a dura vida adulta. Entender a vivência da juventude como um processo de transição não é em si o problema, mas sim resumir esse processo apenas a essa transição. Trata-se de uma situação que coloca, via de regra, os sujeitos em um limbo. Salta aos olhos que não são mais crianças, mas também ainda não são adultos, ficam invisibilizados e em uma condição contínua de “vir a ser”, que acaba se tornando um “não ser”. O que implica em um debate necessário quanto ao reconhecimento desses sujeitos exatamente nesse processo,

estamos tratando de sujeitos sociais que são reais, que trazem consigo suas questões e seus problemas. A Juventude, não há como negar, se constitui como um momento, cronologicamente situado e determinado na vida dos sujeitos, mas ela não se restringe a condição de ser apenas e simplesmente uma passagem.

Um primeiro movimento que compete àqueles/as que querem se embrenhar da seara das pesquisas e ações extensionistas que envolvem a juventude é compreender que se trata de uma categoria sociológica complexa, marcada pela singularidade e pluralidade. Embora tal pluralidade implique em complexidade, há que se reforçar que, na mesma medida, contribuí para a riqueza do debate. Uma vez que nos cobra um forte compromisso ético ao nos debruçar sobre as diferenças existentes entre os vários sujeitos que vivem a Juventude, o que nos remete a entender que a vivência dessa fase da vida vai variar de acordo com a condição juvenil. Questões que passam pelo fato de ser homem ou mulher; pobre, classe média ou rico; negro ou branco; homossexual ou heterossexual; do campo ou da cidade, incidem diretamente no modo como os sujeitos viverão tal processo. O que nos leva a dizer da existência de juventudes no plural.

Assim sendo, partimos da constatação de que a juventude, para além da infinidade significativa, se apresenta como um problema sociológico ao ser compreendida como uma categoria. Em termos técnicos, pautados em documentação oficial, a juventude no Brasil, se encontra compreendida entre os 15 e os 29 anos<sup>21</sup>. A sensibilidade para se propor a compreender a juventude em sua dimensão plural, caleidoscópica, multifacetada e dinâmica, nos parece condição necessária para sustentar um debate ampliado com o olhar voltado para esses sujeitos sociais. Manter o foco restritamente sobre o caráter transitório desse momento da vida soa para nós como sendo algo contraproducente para aquelas pessoas que se implicam e atuam nas áreas sociais, educacionais, culturais, dentre outras. De acordo com o professor Juarez Dayrell (2007):

A juventude é uma categoria socialmente construída e ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos, marcada pela diversidade em condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a

---

<sup>21</sup> Recorte etário proposto pelo Estatuto da Juventude e já incorporado pela Secretaria e Conselho Nacional da Juventude. As justificativas desse recorte decorrem do aumento dos anos de vida e das dificuldades dessa população em ganhar autonomia no mercado de trabalho. A UNESCO ampliou a faixa etária devido à necessidade de políticas específicas para esse público.

juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere (DAYRELL, 2007, p. 1110).

Tais reflexões nos impelem ao avanço e aprofundamento do debate. Apesar de termos a juventude como categoria sociológica, não podemos falar da existência de uma única juventude, pois as condições e os modos de ser jovem vão variar de acordo com o momento social, histórico e até econômico que estamos tratando. Como Juarez Dayrell (2007), partimos então de uma concepção de Condição Juvenil:

Existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica como os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos nos quais a produção social da juventude se desenvolve. (DAYRELL, 2007, p. 1108).

A diversidade nas condições de se viver a juventude nos remete a existência de diferentes jovens, por isso entendemos como sendo vital pensarmos as juventudes, no plural, devido as variações das condições juvenis. Há que se considerar que a juventude não é única e monolítica, ela reflete uma diversidade ímpar, que permite, portanto, reconhecer a existência de juventudes no plural. O desafio diante dessa realidade é fazer valer a compreensão e o entendimento de serem esses sujeitos, em sua variedade e pluralidade, sujeitos de direitos. Que são importante no agora, que merecem ser ouvidos em suas demandas e não somente quando vierem a ser adultos.

## **2.2 Extensão universitária como formação crítica**

Cientes da inalcançável isenção pleiteada para o pesquisador nos primórdios das teorias sociológicas, ainda fortemente influenciadas pelo Positivismo, achamos por bem explicitarmos nossas convicções quanto a nossa compreensão do papel da extensão universitária e as ações por nós empreendidas no campo social. Dito isso, nos cabe apontar que acreditamos fortemente que a atuação dos pesquisadores, seja no campo social, ou mesmo na própria universidade, são marcadas pelas suas experiências de vida, seu processo de formação e a lente com a qual enxerga e compreende o mundo que o cerca. Portanto, longe de

pretendermos ser isentos em nossas ações, nos debruçamos sobre os apontamentos de Paulo Freire (2020), cientes que a extensão universitária compreendida como ação educativa em sua essência é iminentemente política, portanto se estabelece como arena de disputas.

Nos parece ser de entendimento irrestrito que, entre as ações ditas concernentes ao funcionamento da universidade, quais sejam, pesquisa, ensino, extensão e gestão, a que goza de menor prestígio seja a ação extensionista. Tais discursos e imagens, que reproduzem ainda o papel perene da universidade como lugar do que é científico, do que é erudito, nos parece servir como fator de distanciamento entre a universidade e a sociedade. Longe de pretender o abandono da cientificidade e da teoria, partimos de uma atuação na universidade que prescindir de hierarquizações, sem privilegiar uma ação em detrimento de outra, e por isso temos na ação extensionista um horizonte de oportunidades amplas de aproximação dos sujeitos sociais (FREIRE, 1983), de formação crítica desses mesmos sujeitos por meio de debates e discussões, o que nos enche de esperança por intervenções estruturais que tornem a sociedade mais humana e menos desigual.

Em se tratando de ações extensionistas empreendidas por um grupo de pesquisa que estuda as juventudes e destinadas a esses mesmos sujeitos jovens, não conseguimos compreender um outro caminho que não seja a partir do diálogo. Em diálogo com Paulo Freire (1983) percebemos o quanto pode haver de equívocos e monopolização de saberes na ação extensionista, de acordo com o modo como ela se desenvolve.

A ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que, em seu “campo associativo”, o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. E todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar, a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objeto de tais ações. (FREIRE, 1983, p. 22).

Em oposição diametral ao que foi apontado pelo autor, partimos de uma compreensão da ação extensionista na qual partimos das realidades concretas dos sujeitos para problematizar o que parece natural, questionar verdades, desconstruir contextos e inquietar os envolvidos. Não se trata de usar a ação extensionista como forma de estender uma verdade única advinda da universidade para os sujeitos sociais, coercitivamente. Pelo

contrário, trata-se de buscar envolver tais sujeitos a ponto que se sintam, inclusive, capazes de direcionar os caminhos a serem tomados. Não se trata de promover uma *invasão cultural*, de maneira coercitiva, na qual uma concepção se sobreponha à outra a ponto que a realidade dos sujeitos seja apagada. Ainda em diálogo com as reflexões de Paulo Freire, nos debruçamos sobre o significado da invasão cultural. A palavra invasão, em si, já traz consigo um elemento antidialógico, isso por sugerir a existência de um sujeito que invade e, conseqüentemente, outro sofre a ação de invasão. Se partirmos do que Freire aponta como a busca por uma *Educação Gnosiológica* veremos que a comunicação e o diálogo tomam lugar da coerção. O conhecimento emerge como decorrente da reflexão, do questionamento e não da pura e simples assimilação do que está dado. Isso implica em um sujeito, não apenas como coadjuvante, mas como participante direto do processo, percebido e respeitado em sua humanidade, visto em sua dimensão de ser alguém no mundo e com o mundo. Um ator dinâmico, um sujeito das relações, dos conflitos e das disputas sociais.

Ao propormos discutir as questões que afetam as juventudes, acreditamos ser necessário um posicionamento do qual não abrimos mão, qual seja, o de reconhecer irrestritamente tais sujeitos como sendo sujeitos de direito e que devem ser respeitados em suas especificidades. Tal fato vai implicar diretamente no modo como as ações serão desenvolvidas, tendo em vista a escuta desses sujeitos. Práticas mais ortodoxas, estruturais, rígidas e nas quais há monopólio de intervenções, nos parecem pouco efetivas, para não dizer, ineficazes, quando tratamos de formação de sujeitos jovens (ALVES & HERMOND, 2014). Nesse sentido, não se trata de querer dar voz a sujeitos que já têm, mas sim de potencializar sua capacidade de manifestação, dar maior força a seus gritos, por meio de uma escuta cuidadosa e sensível, que ecoe em ondas de ressonância que atinjam toda uma sociedade. Tal processo nos cobra posicionamentos que estejam alinhados com o que entendemos como uma *“Pedagogia das Juventudes”* (DAYRELL, 2016). Uma pedagogia na qual busca-se proporcionar ações focadas nas interações sociais e na sociabilidade desses sujeitos, estabelecendo um processo formativo marcado por relações mais humanizadas, dialógicas, horizontalizadas e partindo de uma construção do conhecimento na qual o reconhecimento das realidades vivenciadas seja imprescindível, como base de sustentação para as práticas extensionistas realizadas.

Ao fim e ao cabo, reforçamos que uma prática extensionista que tenha como foco uma *“Pedagogia das Juventudes”* (2016), vai estabelecer uma relação intrínseca entre a

construção do conhecimento e o ato de pesquisar, de buscar, de procurar, como condição *sine qua non* para formação crítica do sujeito. Nesse contexto, Symaira Nonato e Juarez Dayrell (2021) nos apresentam as potencialidades de um processo marcado pela práxis, pelo pensamento sobre uma ação, a reflexão sobre essa mesma ação e uma nova ação decorrente das reflexões empreendidas. Não apenas o ato pelo ato, mas o ato como exercício reflexivo sobre todo o processo. Para isso, conforme nos apontam os autores (NONATO & DAYRELL, 2021), nos compete estar atentos a quatro dimensões, que apesar de singulares, não são estanques e sim complementares. Partimos da dimensão do ver, da importância de apurar o olhar para além do que está explicitamente à vista, proporcionando questionamentos ao que possa soar como sendo algo naturalizado. A segunda dimensão é do ouvir, que complementa o ver. Trata-se de um escutar mais atento, que permita perceber o outro e estabelecer uma comunicação dialógica. A terceira dimensão é a de registrar, que permite uma reflexão distanciada do que se viu e ouviu a partir de uma sistematização, uma nova reflexão. Ao fim, nos é apontada a dimensão do agir, pouco adianta todo esse processo se não houver um movimento que reverbere em ações, em novas formas de agir, em novas concepções.

Diante do exposto, e com base nas reflexões estabelecidas pelos autores com os quais dialogamos, não nos parece que estamos de todo equivocados quando partimos de uma concepção de extensão universitária capaz de proporcionar formação crítica, de ser afetada pela dimensão política e de vislumbrar a intervenção social como objetivo a ser alcançado em um horizonte possível.

### **2.3 Sobre ações, potencialidades e obstáculos**

Nesse tópico faremos um breve relato de algumas ações desenvolvidas pelo OJ-FaE-UEMG nos últimos anos, sem qualquer pretensão de prescrever receitas e sim como forma de socializar as experiências em seus êxitos e dificuldades.

### **2.4 Juventudes negras e LGBTQIA+ na escola**

Iniciamos o relato de nossas experiências extensionistas a partir das ações do projeto de funcionamento mais longo no grupo de pesquisa e extensão. O projeto “Educar-se pela escrita do outro” teve seu início na Faculdade de Educação da UEMG a partir do ano de 2018,



por iniciativa da Professora Cirlene Cristina de Souza, antes mesmo de o OJ-FaE-UEMG estar constituído como grupo, com a institucionalização do grupo de pesquisa, esse passou a integrar suas ações. Durante todo seu período de execução, esse projeto foi executado em uma parceria entre o Observatório da Juventude da UFMG e o Observatório das Juventudes da FaE-UEMG, contribuindo não apenas para os laços de estreitamento das ações extensionistas, mas também de aprimoramento reflexivo quanto à temática abordada.

O projeto, que teve duração até o ano de 2022, com variações de ações no decorrer dos anos, foi marcado pela singularidade de emergir diretamente de uma inquietação advinda no chão da escola, do cotidiano, dos conflitos reais que se estabelecem e repercutem na universidade como campo de debate e discussão. Em uma escola pública estadual na cidade de Belo Horizonte, uma situação acabou reverberando na mobilização de docentes para se organizarem e colocarem as temáticas LGBTQIA+ e das questões raciais em discussão.

O DEA é um grupo de pesquisa formado por professores e estudantes da educação básica. O grupo surgiu a partir de uma situação de homofobia vivida por duas alunas lésbicas numa escola pública da rede estadual de Minas Gerais. Para compreenderem de forma mais reflexiva aquela situação e outras tantas situações de desumanização vividas por estudantes LGBTQIA+ e também negras(os) no chão da escola, esses estudantes, advindos de diversas escolas mineiras, foram convidadas(os) a narrarem em cartas suas trajetórias escolares. (MARTINS et al., 2021, p. 670).

Partindo dessa dura realidade, a formação do grupo reverberou na proposição de uma ação extensionista a ser desenvolvida na Faculdade de Educação da UEMG com o foco nas juventudes LGBTQIA+ e Negras e nas violências vividas por tais sujeitos no interior das instituições escolares. Em busca de promover uma escuta cuidadosa e de potencializar o ecoar das vozes dos sujeitos, para além dos muros da escola, o projeto buscou usar de metodologias que permitissem aos sujeitos envolvidos uma maior autonomia quanto à fala sobre si mesmos e suas reflexões quanto a suas trajetórias educativas. Assim sendo, o uso de cartas como suporte para manifestação de escrituras (EVARISTO, 2006, 2007) e como ferramenta de ação/reflexão se mostrou muito útil.

O uso de cartas escritas pelos/as estudantes no projeto esteve alicerçado nas reflexões e práticas estabelecidas por Conceição Evaristo (2006, 2007), sob uma perspectiva conceitual que enxerga nesse relato/reflexão a manifestação do que a autora vai caracterizar como sendo as escrituras desses sujeitos. Conforme nos aponta Evaristo (2006, 2007), as escrituras não têm a pretensão de serem neutras, despidas de sentimentos, de lembranças,

mas sim são carregadas de uma dimensão realista na qual as exclusões e violências sofridas pelos sujeitos sejam narradas por quem sentiu a dor na própria pele (GONÇALVES & FERNANDES, 2021). Essa escrita de si, como nos diz Denise Prado (2021), se apresentam como possibilidade reflexiva de (re)escrita de si, de repensar seu lugar no mundo, de repensar o que antes era naturalizado ao olhar e passa a ser, minimamente, colocado em condição de questionamento.

Diante da politicidade como elemento central das cartas, escrevivências dos sujeitos, as cartas suplantam a condição de objetivo comunicativo (BRITO, 2021), que transmite uma mensagem de um lugar a outro, mas tais suportes comunicativos passam a comportar elementos de um diálogo no qual o oprimido exprime sua vivência aos outros e passa a se colocar em posição de questionar tal realidade. As realidades tratadas pelos/as estudantes em suas cartas, escrevivências, nos servem como elemento de depuração do olhar para compreender a instituição como lugar formativo. Em se tratando de uma instituição responsável por perenizar valores, códigos e símbolos, essa instituição é marcada, essencial e intrinsecamente, pelos elementos da realidade social que nos cerca. A escola, apesar da nobreza de sua função, de formar sujeitos, é marcada pelos mesmos vícios que maculam nossa sociedade, dentre eles destacamos elementos do racismo e da LGBTfobia (MARTINS, 2021), que emergem com grande destaque nas reminiscências dos sujeitos estudantes envolvidos no projeto.

Ao se depararem com uma realidade violenta, real e cotidiana, que é, via de regra, subsumida pelos discursos que dizem da inexistência de vícios como racismo e LGBTfobia na escola, os envolvidos no projeto procuraram dar maior eco as vozes daqueles/as que foram duramente violentados. E as escrevivências, materializadas em cartas, se tornaram elemento central a maior força motriz para o debate. No início as oficinas serviram como elemento de divulgação dessa realidade invisível aos olhares menos cuidadosos. Inclusive dos próprios profissionais da docência. Não foram poucos os professores e professoras que em algumas oficinas disseram que em suas escolas não havia racismo e LGBTfobia. Um passo importante foi no sentido de desconstruir as naturalizações, principalmente, daquelas pessoas que pelo muito tempo que estão no chão da escola, não conseguem mais depurar as imagens turvas que se apresentam.

Assim sendo, no primeiro ano as oficinas, que inclusive contavam com a presença de jovens que tinham contribuído com suas escrituras, inicialmente serviram como fator de sensibilização de, minimamente, tentar desestabilizar as certezas de alguns profissionais que há muito tempo estavam na escola. Desse primeiro movimento emergiu uma obra demasiadamente importante para o projeto, *“Rompendo Silêncios: Escrituras sobre trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+”* 2021, organizada pela Professora Cirlene e outros/as colegas do DEA, que iniciaram a caminhada dessa luta. Tal obra, para além de servir como objeto de divulgação de reflexões, serviu também como mote para outras pretensões futuras. Inquietados, os envolvidos no projeto se colocaram em uma posição de promover ações mais incisivas.

O ano seguinte, ainda com base nas cartas e elementos trazidos pelos sujeitos estudantes, se apresentou como oportunidade de voos mais ambiciosos. Diante dos debates empreendidos, a proposta seria de pleitear uma oficina com o foco na formação de professores nas temáticas étnico-raciais e LGBTQIA+ com base na realidade do chão das escolas. Se o início do projeto foi marcado pelas experiências discentes, o momento foi de encorajar aos professores/as que se identificavam com a causa a responder tais sujeitos e dizer um pouco de suas reflexões e implicações pós formação. Muitos foram os relatos de colegas que não apenas começaram a se questionar quanto a realidade escolar, mas que também disseram de suas trajetórias, muitas delas também marcadas por violências raciais e homofóbicas. Ao fim desse período foi sistematizado um artigo publicado pelos professores/as Francisco André, Cirlene Souza e Liliane Sousa, como forma de dar maior amplitude ao debate, como forma de alcançar outros colegas, inquietar outros/as profissionais quanto às suas práticas. O artigo *“Escrituras das juventudes Negras e LGBTQIA+: fontes educativas para reinventar escolas e docências”* foi publicado no ano de 2021.

O ano de 2022 foi o ano de conclusão do projeto, um ano dedicado a um trabalho mais focado na sistematização de todas as ações desenvolvidas nos anos anteriores, até mesmo como forma de perenizar o debate e ampliar o acesso daqueles/as que se interessassem pelo debate. Nesse ano foi sistematizada uma coleção de pequenos livretos, que trouxeram discussões sobre as oficinas em sua dimensão metodológica, discussões mais aprofundadas e de cunho teórico, bem como apresentaram ao público as cartas de estudantes e professores sobre todo o debate empreendido nos anos anteriores com o foco na instituição escolar, as juventudes negras e LGBTQIA+. Tal projeto, pela complexidade contida não

apenas nas temáticas que o compõe, mas em seu processo de constituição/construção, emergindo do chão da escola, alcançando a universidade e vários outros espaços formativos, serviu como elemento capaz de amalgamar forças para conflitos que, apesar de serem tidos como inexistentes na escola, ainda se mostram demasiadamente recorrentes. Ao fim de suas ações podemos dizer de um sentimento não de dever cumprido, mas de satisfação por servir de fator desestabilizador de um status quo historicamente posto como algo quase que naturalizado. Trabalhos como esse, que expressam a realidade dura da instituição escolar, longe de desqualificar e depreciar a instituição, nos mostram o quanto essa é importante em um contexto de negação de direitos às classes populares e desigualdade social abissal. Aos que dizem equivocadamente que a escola está em crise, ousamos dizer que a sociedade está em crise e a escola é também sociedade. Reforçamos que se com a escola os embates são tão difíceis de travados, e quiçá vencidos, sem ela seria muito pior, temos certeza.

## **2.5 Juventudes e políticas de elevação de escolaridade**

Um outro projeto que ganhou destaque como ação de extensão do OJ-FaE-UEMG foi o projeto “Olhares Juvenis”, desenvolvido entre os anos de 2020 e 2021, sob a coordenação inicial da Professora Cláudia Ocelli e posteriormente do professor Francisco Martins. Tal projeto tinha como objetivo principal, promover a escuta de jovens de 15 à 17 anos que estivessem envolvidos em projetos de elevação de escolaridade promovidos pelas redes públicas de educação, fossem municipais ou estaduais, com o fito de compreender as trajetórias de tais sujeitos, suas expectativas em relação a essa experiência educativa, suas experiências e experiências de sociabilidade e construção do conhecimento. Durante seu tempo de execução foram apresentados pelas bolsistas envolvidas, com orientações dos professores/as, vários trabalhos em eventos educacionais: Iº Seminário Lusófono Digital de Educação de Jovens e Adultos; IIº Juventudes Contemporâneas PUC-RS e 24º Seminário de Pesquisa e Extensão da Universidade do Estado de Minas Gerais.

No contexto do referido projeto foi estabelecido como foco dos estudos um projeto desenvolvido em uma cidade da RMBH, Florestal. O Projeto Telessala atendeu 66 estudantes, 50 homens e 16 mulheres, que foram divididos em 3 telessalas em uma mesma escola. Para a ação extensionista foram feitos contatos com cerca de 63 estudantes, de acordo com os números de telefone disponibilizados pela escola. Dos contatados, 6 se disponibilizaram em

colaborar com o projeto. Dos contactados, 2 eram mulheres, que engravidaram durante a vivência dessa experiência formativa, o que repercutiu em maiores dificuldades para conclusão do processo, atualmente têm filhos, uma não está inserida no mercado formal de trabalho e a outra está trabalhando em uma loja de artigos e roupas militares. Os outros 4 homens sinalizaram ter empregos precários, com longas jornadas de trabalho, os ocupando, inclusive, aos finais de semana.

Em se tratando dos significados construídos pelos sujeitos que nos disponibilizaram seus relatos, percebemos, em alguma medida, a apropriação e reprodução dos discursos que se consolidam quando tratamos de experiências educativas de elevação de escolaridade, compensação ou “recuperação” do tempo perdido, o que se aproxima do que pode ser entendido como sendo uma visão autuista para com a escola, que está dando mais uma chance aos que não conseguiram cumprir com uma trajetória ideal, os reprovados, os atrasados, os problemáticos, os que não gostavam de estudar. Tais estereótipos contribuem para esvaziar uma discussão maior, que caminhe na perspectiva do direito à educação e acaba por reforçar uma culpa que recai sobre sujeitos que, a bem da verdade, nos parecem muito mais as vítimas nesse processo, bem como romantizar algumas dessas experiências como sendo solução potencial para os problemas da educação. Quanto ao recorrente de ter mais uma oportunidade, de recuperar o tempo perdido após abandonos, reprovações e outros problemas, esse talvez seja um fator que contribuiu para que a conclusão do processo fosse exitosa para um número considerável de sujeitos. Conforme nos aponta um dos estudantes ouvidos, *“a vice-diretora me chamou para participar, aí interessei, comecei a participar, falou que eu ia fazer três anos, três anos seguidos, aí ia para o primeiro ano, aí eu aceitei, comecei a fazer, e comecei a fazer as aulas”*.

Em relação aos depoimentos, percebemos algumas pistas quanto as questões referentes a metodologia utilizada no projeto ao privilegiar o uso de vídeos como recurso formativo. Uma pesquisa feita pela UNICEF (2014), com jovens de 15 a 17 anos em relação ao não acesso ou mesmo abandono do Ensino Médio, os jovens pesquisados são categóricos em dizer que o interesse pelas aulas está diretamente relacionado como o modo como os professores desenvolvem suas práticas educativas. De acordo com um dos jovens entrevistados na pesquisa, *“Não gosto quando os professores só seguem a apostila. É importante passar algo diferente”* (UNICEF, 2014, p. 52). Quanto mais ortodoxo o professor, quanto mais se utiliza de práticas como cópia e matéria no quadro, maior o desinteresse de

acordo com os jovens que participaram da referida pesquisa. Um dos jovens que nos deram depoimento ao falar ao projeto destacou um elemento significativo, a forma que se estabeleciam as aulas. Segundo o jovem, o bom entendimento da matéria estava vinculado ao modo como as aulas se davam: “*Em relação a aula as matérias e tudo era bem legal, era bem dinâmico, dava para entender*”.

A comparação entre a Telessala e as “aulas normais” não nos causam estranhamento, afinal essas são as experiências que o estudante tem como parâmetro de comparação. O uso das tele aulas, pode soar como algo menos pesado, para alguém que tenha tido uma trajetória escolar marcada pela ortodoxia de aulas, exercícios e livros. De acordo com Juarez Dayrell (2007):

Podemos ver aí uma tendência em transformar cada instante em instante de educação, cada atividade em uma atividade educativa, ou seja, como uma atividade cuja finalidade é formá-los, formar-lhes o corpo, os conhecimentos, a moral. Como se não existisse outra forma de estabelecer relações, como se não existisse outra forma de estruturar atividades que não na forma escolar. (DAYRELL, 2007, p. 1117).

Em se tratando da relação entre professor e aluno, esse é um elemento importante a ser considerado nas análises do projeto. Novamente recorrendo à pesquisa da UNICEF (2014), apontamos que a relação professor/aluno é um fator vital para o êxito do processo educativo. Em se tratando da experiência analisada nessa pesquisa, algumas falas jogam luz sobre a importância dessa relação, bem como a importância do sujeito professor nesse processo. O depoimento de uma das jovens nos permite vislumbrar um pouco a potencialidade contida nessa relação:

Participei da telessala, gostei muito, só tive coisas boas, não tenho nada a reclamar. Professora maravilhosa que me ajudou bastante também. Depois que eu sai do projeto eu consegui conversar melhor, **continuei estudando. Me ajudou bastante até mesmo entender, pra conversar que eu não gostava de conversar com ninguém, qualquer coisinha eu ficava calada, aguentava tudo na minha e calada. Na telessala eu conseguia conversar melhor, chegava perto da professora e falava com ela, conversava com todo mundo.** E fui até o finalzinho da minha gravidez porque depois eu tive que parar porque a pressão estava muito alta, estava inchando muito e não tinha como continuar indo. Mas, mesmo assim continuei fazendo as atividades em casa e mandava com o pai do meu filho para entregar a professora. **Ai depois disso ainda continuo estudando, esse ano irei fazer o terceiro ano agora em março começa de novo o EJA. Vou terminar o terceiro ano graças a deus agora. Grifos nossos.**

Os elementos que emergem desse depoimento suplantam a relação professor/aluno de forma simplista, unicamente como fator concluinte ou de aprovação, mas nos aponta o

quanto a relação está diretamente vinculada as potencialidades para além do pedagógico, para além das matérias, são aprendizados para a vida, se sentir melhor em relação aos outros, se tornar menos tímida, falar melhor, socializar. Tais virtudes mencionadas pela estudante como sendo construídas junto à professora e ao grupo não são questões do currículo, não são matéria propriamente dita, são aprendizados de humanização, de construção de si, de se enxergar como sujeito. Inclusive, potencializando a ampliação de projetos de futuro, como por exemplo, continuar os estudos, ambicionar um outro lugar a partir da sua formação como um horizonte possível.

Além de todas essas questões apontadas anteriormente, um outro elemento se destaca em se tratando dos jovens envolvidos no projeto e suas expectativas pós formação. A formação como potencialização da inserção dos sujeitos no mercado de trabalho, em um emprego formal, de carteira assinada, foi marcadamente abordada por todos os estudantes ouvidos pelo projeto. Um verdadeiro sonho para alguns, mas jovens periféricos nos dias atuais.

Gostei muito do projeto, não achei ruim não. E as coisas que gostei depois de sair do projeto; é que eu consegui um serviço mais rápido; **e me ajudou muito na vida**, aprendi muitas coisas que eu não sabia sobre as matérias, eu aprendi. **E atualmente tô trabalhando no Mart Minas em Pará de Minas. Grifos nossos.**

Como dito anteriormente, apesar da importância da inserção no mercado de trabalho, essa não é a única expectativa quando pensamos em um projeto que tenha como foco corrigir disparidades idade/série ou mesmo ofertar a garantia de um direito negado. Mas, quando para além do processo formativo, essa inserção é alcançada, ela provoca mudanças consideráveis na vida dos sujeitos, quanto ao acesso à outros direitos também negados. Ao desenvolver o projeto, não houve qualquer outra pretensão que não fosse ouvir os sujeitos jovens envolvidos, saber dos significados construídos por eles em relação ao projeto e quais as possíveis repercussões em suas trajetórias de vida após saírem da escola. Não houve a pretensão de fazer um juízo de valor em relação a experiência estudada, dizer o que foi bom ou o que foi ruim, mesmo porque o objetivo era de contribuir para que futuras políticas públicas educacionais para jovens sejam mais condizentes com as expectativas e anseios desses sujeitos. De toda forma, há que ressaltar que por mais que projetos como esse enfrentem problemas e obstáculos na sua execução, e são vários, temos que reconhecer

qualquer forma de tornar as vidas dos jovens melhores, mais igualitárias e mais justas, como sendo algo positivo.

## **2.6 “Cola Comigo!”: trocando ideias com as juventudes**

O projeto que fecha o relato das experiências propostas para o presente trabalho tem por nome “Cola Comigo!”: Trocando ideias com as juventudes e tem sido desenvolvido desde o ano de 2022. Apesar de ser o projeto mais recente, tem se mostrado uma ferramenta importante de conexão entre a universidade e a sociedade, entre a Faculdade de Educação e o chão das escolas, entre os vários sujeitos, diversos em sua condição juvenil e sua oportunidade de serem ouvidos, seja na universidade, seja na escola, seja em qualquer lugar que eles queiram ocupar para tal. Esse projeto tem sua idealização ainda no ano de 2021, em um contexto ainda pandêmico, como o retorno e retomada gradativa das atividades da universidade já na segunda metade do mesmo ano.

Com a retomada das atividades acadêmicas, os/as professores/as componentes do OJ-FaE-UEMG, em uma reunião fizeram várias explanações sobre a realidade social à qual estaríamos sendo compulsoriamente inseridos pós pandemia e irrestritamente todos/as disseram de um sentimento de insegurança, não apenas seus, mas sim de todos/as envolvidos em nossa realidade acadêmica, de formação de um curso superior. Os dados não eram os melhores, milhares de mortes, milhares de pessoas desempregadas e um grande número de pessoas vivendo uma condição de insegurança alimentar cotidianamente. Apesar de estarmos tratando de um curso superior, de uma universidade pública, tal realidade não estava muito distante de nossos/as estudantes. Nos propusemos então a ouvir o coletivo de estudantes em uma reunião aberta que contou com um número significativo de pessoas presentes. Essa reunião, que aos nossos olhos serviria de termômetro para pensarmos as ações do grupo se mostrou muito singular, pois o que mais foi levantado, irrestritamente, por professores e estudantes, era a falta que nos fazia a presença do outro, a falta de oportunidades de estar com outras pessoas, a falta de poder falar de si, de seus sentimentos e de suas dores a alguém.

Assim nasce o “Cola!” como é carinhosamente chamado. Seriam privilegiadas “Rodas de Conversa” e não haveria qualquer restrição quanto a quem poderia participar, era só chegar e “Colar!”, estudantes da faculdades, estudantes da educação básica, professores, grupos e coletivos, quaisquer pessoas que se afetassem pelo debate das questões que



envolvessem as juventudes. Todavia, cada encontro seria marcado pela presença de um coletivo de jovens, um grupo ou mesmo um representante para trazer as representações e vivências daquela juventude em relação ao tema, juntamente com os representantes da juventude teríamos também a presença de alguém que pudesse nos trazer elementos do que estava sendo produzido e discutido sobre a temática na universidade. Isso sem qualquer divisão ou hierarquização.

O ano de 2022 foi arcado por uma atuação ainda incipiente, apesar de terem sido desenvolvidas ações importantes e demarcatórias quanto a existência e atuação do OJ-FaE-UEMG. A primeira roda de conversa, em virtude se deu de maneira virtual e contemplou as questões referentes às juventudes periféricas, o racismo e a violência, com um foco na realidade pandêmica. Para o encontro foram convidados três interlocutores: Paixão Sessémeandé; Alga Marina e Eduardo Salatiel. As falas trouxeram à tona elementos de uma violência vivida no cotidiano das juventudes negras, pobres e periféricas, que suplantava, em muito as violências coercitivas do estado, por meio das operações policiais. Uma realidade invisibilizada pelo afastamento social e que dava conta da insegurança alimentar vivida nas periferias, da falta do mínimo para garantir a sobrevivência, da necessidade de romper com o afastamento, pois a realidade dizia de sujeitos que poderiam morrer de fome antes de morrerem de Covid.

A segunda atividade já ocorreu no prédio da Faculdade de educação. Foi organizada uma “Mostra Cultural” na qual todos os grupos de pesquisa e extensão teriam a oportunidade de apresentar seus projetos à comunidade acadêmica. Nesse processo, tornamos nossa participação na mostra uma roda de conversa do “Cola Comigo!” e fizemos um debate ao ar livre na Faculdade de Educação com o foco nas manifestações culturais das juventudes e a ocupação da cidade pelas juventudes. Foi convidado o artista plástico Leandro Duarte, que fez um grafite com a imagem de Paulo Freire e a logomarca do grupo. Para além da relevância de seu trabalho pela materialização e expressão de sua arte, destacamos que o artista era estudante da nossa própria universidade, no curso de Artes Plásticas da Escola Guignard. Nesse sentido, vimos tal experiência também como oportunidade de estreitarmos laços com as demais unidades da UEMG em Belo Horizonte e seus estudantes. Muitos foram os contatos e o interesse de estudantes em participar das ações. Tratou-se de uma roda marcada pela descontração e pela dinamicidade, muitas interações e conversas. Hoje o grafite do Paulo Freire é ponto turístico de quem visita a Faculdade e quer fazer uma foto para as redes sociais.

A terceira roda de conversa foi marcada pela discussão que envolveu as juventudes, as experiências participativas e a escola. Essa roda específica foi desenvolvida por dois momentos, um primeiro momento que não foi de recebimento e fala de convidados para falar, mas sim de exibição de um filme, “cabeça de nego”. E um segundo momento, no qual o filme foi colocado em debate do diálogo com o livro publicado pelo professor Francisco Martins (2022) e que aborda as questões referentes a participação juvenil na escola por meio de grêmios. Em linhas gerais, as falas foram muito engajadas e sinalizavam um funcionamento institucional, seja na escola, ou mesmo na universidade, no qual os estudantes não eram vistos como atores capazes de participar ativamente no interior das instituições. Foi tão importante que fomentou nesse ano de 2023, na continuidade do projeto, o oferecimento de oficinas sobre participação estudantil nas escolas que têm sido oferecidas e desenvolvidas nas próprias instituições escolares, o projeto tem ido até a escola para promover esse debate. Tais oficinas, que ainda estão em pleno processo de aplicação e desenvolvimento, devem ser analisadas e debatidas em trabalhos futuros. Contudo, nos cabe reforçar que têm emergido discussões muito ricas, tanto da parte dos estudantes e dos professores, como da própria gestão da escola.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao findar desse trabalho, que congrega reflexões de professores e estudantes de graduação, bolsistas e voluntários, longe nos passa da mente o intuito de prescrever receitas ou modos adequados do como desenvolver experiências de extensão com o foco nas juventudes. Todavia, acreditamos que a socialização de tais experiências, a explanação, análise e debate quanto a nossas concepções sobre extensão universitária e processo de formação educativa, possa servir como fator de inquietação e até mesmo sensibilização de outros colegas, estudantes e professores, para colocar em voga um debate no qual os direitos e singularidades das juventudes sejam pontos de análises e reflexões. Nesse sentido, mais que apresentar receitas, viemos socializar modos de fazer com a esperança que outras pessoas possam se interessar a colaborar conosco em nosso grupo de pesquisa. Apesar de todos os avanços, ainda há muito o que lutar.

Quanto à extensão universitária, esperamos que nossas práticas tenham conseguido dizer de nós o suficiente, a ponto de sermos compreendidos não apenas como pesquisadores/formadores que advindos da universidade levam um saber canonicamente

científico à tábula rasa que são dos sujeitos que estão na ponta do processo. Pensar as ações extensionistas, bem como o modo como elas se dão, qual público pretendem abranger, nos parece explicitamente se posicionar como sujeitos que pensam e atuam na universidade tendo essa instituição como potencial força motriz de mudanças sociais por meio do pensamento e da reflexão.

Pensar a experiência de uma perspectiva dialógica em nada suprime ou diminui a importância da universidade de formação crítica dos sujeitos, entretanto, ao nos colocarmos favoravelmente em uma posição de escuta do outro estamos também rompendo hierarquizações e equalizando responsabilidades, inclusive sobre o próprio processo formativo. A extensão como educação gnosiológica tem como condição *sine qua non* a capacidade de estabelecer uma comunicação eficaz, que o outro seja ouvido e que consiga, ao nos ouvir, compreender do que tratamos, e é assim que compreendemos nossa responsabilidade enquanto um grupo de pesquisa e extensão que se coloca peremptoriamente em posição de defesa das juventudes como sujeitos de direito. Há quem veja em nosso relato uma utopia, há quem veja a potência, nós vemos que, apesar de todas as dificuldades, as oportunidades de luta por uma educação democrática, laica, de qualidade e que busque uma sociedade mais humana não pode ser desperdiçada. Quem luta, educa!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Zenaide; HERMONT, Catherine. **Estratégias metodológicas de trabalho com os jovens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BRITO, José Eustáquio de. Tensões que atravessam os corpos e luta por reconhecimento. In. SOUSA, Cirlene; SILVA, Marcos; GONÇALVES, Pedro; FERNANDES, Júlia; PRADO, Denise (orgs.). **Rompendo Silêncios**: sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

DAYRELL, Juarez. A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In. VIEIRA, Maria Manuel (org.). **Atores educativos: escola, jovens, e media**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

DAYRELL, Juarez. **Por uma Pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Pedro; FERNANDES, Júlia. Experiências estudantis na escrita de cartas. In. SOUSA, Cirlene; SILVA; Marcos; GONÇALVES, Pedro; FERNANDES, Júlia; PRADO, Denise (orgs.). **Rompendo Silêncios**: sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

MARTINS, Francisco André Silva. Pensar práticas docentes humanizadas em contextos escolares racistas e homofóbicos. In. SOUSA, Cirlene; SILVA; Marcos; GONÇALVES, Pedro; FERNANDES, Júlia; PRADO, Denise (orgs.). **Rompendo Silêncios**: sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

MARTINS, Francisco André Silva. **A voz do estudante na educação pública**. São Carlos: De Castro, 2022.

MARTINS, Francisco André Silva; SOUSA, Cirlene Cristina; SOUZA, Liliane. Escrevivências das juventudes negras e LGBTQIA+: fontes educativas para reinventar escolas e docências. **Revista Diversidade e Educação**. v. 9, n. 2021.

NONATO, Symaira Poliana; DAYRELL, Juarez. **Por uma Pedagogia das Juventudes**: educação e pesquisa como princípio educativo. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021.

PRADO, Denise. A escrita de si: um modo de pensar a diversidade na escola. In. SOUSA, Cirlene; SILVA; Marcos; GONÇALVES, Pedro; FERNANDES, Júlia; PRADO, Denise (orgs.). **Rompendo Silêncios**: sobre as trajetórias escolares das juventudes negras e LGBTQIA+. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.

UNICEF. **10 desafios do Ensino Médio no Brasil**: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos. Brasília: UNICEF, 2014.